

escura. Dentro em pouco, pudemos localizar o abrigo de Fabiano em outra zona de serviço fraterno.

Extensa legião de servidores aguardava a nossa chegada, a fim de colaborar conosco no esforço de readaptação. Gastáramos na viagem três horas e trinta e cinco minutos.

Complexas atividades esperavam os obreiros dedicados.

Preliminarmente, todavia, a Irmã Zenóbia, radiante, congregou-nos na jubilosa prece de agradecimento, após a qual Jerônimo nos convidou a sair. Cinco irmãos fiéis ao bem, já em vésperas de libertação da carne, aguardavam-nos o auxílio na Crosta da Terra e era necessário partir.

## XI

### AMIGOS NOVOS

Conduzindo equipamento indispensável ao trabalho, despedimo-nos da instituição socorrista, colocando-nos a caminho da Crosta.

Jerônimo dava-se pressa em auscultar os vários ambientes em que se verificaria nossa atuação.

Programou a tarefa com simplicidade e bom senso. Não nos distrairíamos com quaisquer investigações, além da missão previamente esboçada, e manter-nos-íamos em ligação incessante com a Casa Transitória, para maior eficiência no dever a cumprir.

— Naturalmente — explicou delicado — sere-mos forçados a diversas atividades de assistência aos amigos prestes a se desfazerem dos elos corporais do plano grosseiro e a fundação de Fabiano será o nosso ponto principal de referência no trabalho. Nos instantes de sono, conduzi-los-emos até lá, para que se habituem lentamente com a ideia de afastamento definitivo.

Intrigado, ao verificar tanta cautela, perguntel:

— Meu caro Assistente, todas as mortes se fazem acompanhar de missões auxiliadoras? cada criatura que parte da Crosta precisa de núcleos de amparo direto?

O amigo sorriu com indulgência, na superioridade legítima dos que ensinam sabiamente, e esclareceu:

— Em absoluto. Reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogenéticos orientando o mundo das



formas vivas ao ensejo do renascimento físico, e princípios transformadores que presidem aos fenômenos da morte, em obediência aos ciclos da energia vital, em todos os setores de manifestação. Nos múltiplos círculos evolutivos, há trabalhadores para a generalidade, segundo sábios designios do Eterno; entretanto, assim como existem cooperadores que se esforçam mais intensamente nas edificações do progresso humano, há missões de ordem particular para atender-lhes as necessidades.

Sentindo-me a estranheza, Jerônimo prosseguiu:

— Não se trata de prerrogativa injustificável, nem de compensações de favor. O fato revela ordenação de serviços e aproveitamento de valores. Se determinado colaborador demonstra qualidades valiosas no curso da obra, merecerá, sem dúvida, a consideração daqueles que a superintendem, examinando-se a extensão do trabalho futuro. No plano espiritual, portanto, muito grande é o carinho que se ministra ao servidor fiel, de modo a preservar-lhe o Espírito devotado da ação maléfica dos elementos destruidores como o desânimo e a carência de recursos estimulantes, permitindo-se, simultaneamente, que ele possa ir analisando a magnitude de nosso ministério na verdade e no bem, em face do Universo Infinito.

Ouvindo-lhe a elucidação, lembrei-me instintivamente dos tipos apostólicos que conhecera na experiência humana. Não haveria contradição no esclarecimento? os padres virtuosos, com os quais mantivera contacto no mundo, eram pessoas perseguidas através de todos os flancos. Notava que criaturas de mais subido valor moral eram justamente as escolhidas para o assédio da calúnia constante. Sem relacionar apenas os de minha inimizade, recordava a própria História do Cristianismo. Não era, porventura, cheia de exemplos? os temperamentos por muitos anos fervorosos na fé, haviam sido pasto de feras. Os continuadores do

Mestre foram vítimas de tremendas provações e Ele mesmo alcançara o Calvário em passadas dolorosas...

O Assistente percebeu o jogo de raciocínios que se me desdobrava no íntimo e esclareceu:

— Suas objeções mentais não têm razão de ser. A concepção humana do socorro divino é viciada desde muitos séculos. A criatura pressupõe no amparo de Deus o protecionismo do sátrapa terrestre. Espera perpetuidade de favores materialísticos, injustificável destaque entre os menos felizes, dominação e louvor permanentes. Costuma aguardar serviço, estima e entendimento, mas desdenha servir, estimar e entender, quando não seja em retribuição. O subsídio celeste traduz-se por benditas oportunidades de trabalho e renovação; chega, muitas vezes, ao círculo da criatura, como se foram gloriosas feridas, magníficas dores, abençoados suplícios. Enquanto predominem na Crosta Planetária os impulsos de animalidade primitiva, os agraciados pela bênção divina serão, em sua maior parte, representantes do poder espiritual, os quais, de maneira alguma, ficarão isentos de testemunhos difíceis nas demonstrações imprescindíveis. Não que o Senhor intente transformar discípulos em cobaias, mas pela imposição natural da obra educativa em que a lição do aluno atento e fiel deve interessar à classe inteira. O que quase sempre parece sofrimento e tentação constitui bem-aventurança transformando situações para o bem e para a felicidade eterna.

O argumento era lógico e incisivo. E porque o Assistente silenciasse, cogitando, talvez, do objetivo fundamental que nos conduzia ao trabalho previsto, procurei reter impulsos indagadores.

Orientados por Jerônimo, atingíramos pequena cidade do interior e dirigimo-nos a certa casa humilde, na qual, em breves minutos, nos apresentava ele determinado companheiro, em lamentáveis condições, atacado de cirrose hipertrófica.



— E' Dimas! — exclamou, indicando o enfermo — assíduo colaborador dos nossos serviços de assistência, faz muitos anos. Veio de nossa colônia espiritual, há pouco mais de meio século, consagrando-se a tarefa obscura para melhor atender aos Divinos Desígnios. Desenvolveu faculdades mediúnicas apreciáveis, colocando-se a serviço dos necessitados e sofredores.

O quarto modesto permanecia cheio de radiosos eflúvios, denunciando a incessante visitação de Espíritos iluminados.

— Nosso amigo — continuou o Assistente — fez-se o credor feliz de inúmeras dedicações pela renúncia com que sempre se conduziu no ministério. Agora, é chegado para ele o tempo do descanso construtivo.

Agradavelmente surpreendido, reparei que o doente se apercebeu da nossa presença. Cerrou os olhos do corpo, enxergou-nos com a visão da alma e animou-se, sorrindo...

O enfraquecimento físico atingira o ápice e Dimas conseguia deixar o aparelho corporal, de certo modo, com extraordinária facilidade.

Fixando-nos, perto do leito, pôs-se em ardente rogativa, pedindo-nos colaboração. Estava exausto, dizia; no entanto, mantinha-se calmo e confiado.

Aconselhado por Jerônimo, acerquei-me do enfermo, aplicando-lhe passes magnéticos de alívio sobre o tecido conjuntivo vascular. O abdômen conservava-se pesado e enorme. Revelaram-se, porém, sensações imediatas de reconforto.

Seguindo-se ao meu auxílio humilde, Jerônimo dirigiu-lhe palavras de encorajamento e prometeu voltar, mais tarde.

Dimas, enlevado, endereçava ao Céu comovido agradecimento.

Em breves momentos, dois amigos espirituais dele vieram ter ao quarto, saudando-nos, atenciosamente.

Nosso dirigente convidou-nos à retirada, explicando-nos, depois que nos havíamos afastado:

— Após rápida visita aos interessados, reuní-los-emos em sessão de esclarecimento, na Casa Transitória, de maneira a prepará-los ante o fenómeno próximo da libertação definitiva. Esperaremos a noite para esse fim.

Da pequena cidade em que se localizava o primeiro visitado, dirigimo-nos ao Rio de Janeiro.

Utilizávamos a volição, prazerosos e felizes.

Muito difícil descrever a sensação de leveza e alegria inerente a semelhante estado, após a permanência na escura região de que procedíamos. Fala-se, muitas vezes, entre os encarnados, na possibilidade da criação do aparelho de vôo individual; todavia, ainda que se efetive a nova conquista, o peso do corpo físico, os cuidados exigidos pela máquina de propulsão e os riscos de viagem, não podem, de modo algum, substituir a segurança e a tranquilidade que nos enchem de tamanho bem-estar. Após a excursão normal, entre a Casa Transitória de Fabiano e a Crosta Terrestre, dentro de harmoniosas condições, conservávamo-nos descansados e bem dispostos, operando muito facilmente a volição, não obstante a densidade atmosférica.

Poucas vezes se me apresentara tão belo o espetáculo da paisagem terrena. Serras e vales, rios e arroios marcavam cidades e vilarejos, sob o espelho rutilante do Sol, falavam-me ao coração da misericórdia do Altíssimo, congregando as criaturas em ninhos floridos de trabalho pacífico.

Pensamentos de louvor ao Eterno Pai felicitavam-me o espírito.

O casario compacto do Rio achava-se agora à nossa vista.

Não decorreu muito tempo e penetrámos singular residência, em bairro menos populoso e deparámos com enternecedora paisagem doméstica.

Cavalheiro na idade madura, deitado em pequeno divã, apresentando terríveis sinais de tuber-



culose adiantada, sustentava comovente palestra, dirigindo-se a dois pequeninos que aparentavam seis e oito anos, respectivamente. Formosa expressão de luz aureolava a mente do enfermo, que pousava nas crianças o olhar muito lúcido, falando-lhes paternalmente.

O próprio Jerônimo parou, a ouvi-lo, junto de nós, agradavelmente surpreendido.

— Papai, mas o senhor acredita que ninguém morre? — indagou o filhinho mais velho.

— Não, Carlindo, ninguém desaparece para sempre e é por isso que desejo aconselhá-los, como pai que sou.

Fez-se-lhe mais terno o olhar e continuou, ante o interesse agudo dos meninos:

— Creio que não me demorarei a partir...

— Para onde papai? — atalhou o menor.

— Para um mundo melhor que este, para lugar, meu filho, onde seu pai possa ajudá-los num corpo são, embora diferente.

As crianças, de olhos húmidos, protestaram, com carinho.

Esforçou-se o genitor, de modo visível, para dominar-se e prosseguiu:

— Não devem manifestar semelhantes receios. Já organizei todos os negócios e a mamãe trabalhará, substituindo-me, até que vocês cresçam e se façam homens. Se eu pudesse, ficaria em casa, mas, como se arranjariam comigo, assim, imprestável como estou? por essa razão, Deus me concederá outro corpo e eu estarei com vocês, sem que me vejam.

Sorriu, conformado, e ajuntou:

— Possivelmente, seremos até mais felizes... Há muitos dias pretendo falar-lhes, como agora, para que fiquem certos de meu amor constante. Logo após meu afastamento, sei de antemão que muita gente procurará desanimá-los. Dir-se-á que me afastei para nunca mais voltar, que a sepultura me aniquilou; entretanto, previno a vocês

que isso não é verdade. Viveremos sempre e amarnos-emos uns aos outros, cada vez mais...

Reparei que o genitor doente sentia intenso desejo de afagar os rapazinhos, mas, controlado pela ameaça de contaminá-los, impunha imobilidade às mãos sequiosas de contacto afetivo.

Os meninos enxugavam as lágrimas discretas e, depois de longa pausa, tornou o enfermo, dirigindo-se ao filho mais velho:

— Diga-me, Carlindo, você acredita que seu pai venha a desaparecer? admite, porventura, que nosso amor e nossa união em casa, que nosso carinho e entendimento sejam apenas cinza e nada?

Dominou-se o pequeno, a fim de parecer valente e respondeu:

— Eu acredito, como o senhor, que a morte não existe.

— Quando eu partir — acentuou o pai amoroso — se vocês demonstrarem coragem e confiança em Deus, o papai estará mais corajoso e confiante e restaurará, em pouco tempo, as energias...

Houve comovente interregno, que o Assistente Jerônimo não desejou quebrar, tal a significação moral da cena cariciosa.

De olhos fixos nos rapazinhos, o extremoso genitor passou a considerar:

— Vai para três anos, instituimos nosso culto doméstico do Evangelho de Jesus. E vocês sabem hoje que nosso Mestre não morreu. Levado ao suplício e à morte, voltou do sepulcro para orientar os amigos e continuadores. Ele, pois, nos auxiliará para que prossigamos unidos. Quando eu fizer a viagem da renovação, tenham calma e otimismo. Não chorem, nem desfaleçam. Com lágrimas não serão úteis à mamãe, que precisará naturalmente de todos nós. Deus espera que sejamos alegres na luta de cada dia para sermos filhos fiéis ao seu divino amor.

Nesse instante, apareceu a dona da casa, impondo modificações à palestra.



Valeu-se Jerônimo da circunstância para intervir, apresentando:

— Nosso amigo Fábio, em vésperas da libertação, sempre colaborou com dedicação nas obras do bem. Não é médium com tarefa, na acepção vulgar do termo. E', porém, homem equilibrado, amante da meditação e da espiritualidade superior e, em razão disso, desde a juventude tornou-se excelente ministrador de energias magnéticas, colaborando conosco em relevantes serviços de assistência oculta. Vários mentores de nossa colônia têm em alta conta o seu concurso. Há muitos anos que se consagra ao estudo das questões transcendentais da alma e formou-se na academia do esforço próprio, a fim de ser-nos útil. Livre de sectarismo, indene às paixões e amante do dever, nosso irmão Fábio constituiu desde os primeiros dias de matrimônio, o culto doméstico da fé viva, preparando a esposa, os filhinhos e outros familiares no esclarecimento dos problemas essenciais da compreensão da vida eterna. Em virtude da perseverança no bem que lhe caracterizou as atitudes, sua libertação ser-lhe-á agradável e natural. Soube viver bem, para bem morrer.

Aproximei-me do enfermo, perscrutando-lhe a situação orgânica.

A tuberculose minara-lhe os pulmões, impressionando-me as formações cavitárias e outros sintomas clássicos da terrível moléstia.

Fábio, a rigor, não precisava apoio à fé que nutria. Revelava-se tranquilo e confiante, embora o abatimento, natural em seu estado; ia ensinando, aos seus, inesquecíveis lições de coragem e valor moral.

— Vamo-nos! — chamou-nos o Assistente — nosso companheiro vai bem e dispensa-nos de maior colaboração.

Sáimos admirados com o exemplo entrevisto. Daí a instantes, Jerônimo conduzia-nos a con-

fortável apartamento em moderno arranha-céu de elegante bairro.

Entrámos.

No leito, permanecia respeitável senhora de idade avançada, com evidentes sinais de moléstia do coração. Cercavam-na, atenciosas, duas senhoras ainda jovens, que a cumulavam de discretos cuidados.

— E' nossa irmã Albina — explicou-nos o dirigente amigo — filiada a organizações superiores de nossa colônia espiritual. Tem inúmeros admiradores em nossa esfera de ação, pelo muito que vem fazendo na esfera do Evangelho. Permanece, presentemente, em serviço nos círculos evangélicos protestantes. Fez profissão de fé na Igreja Presbiteriana e, viúva desde cedo, consagrou-se ao labor educativo, formando a infância e a juventude no ideal cristão.

Mais uma vez, maravilhou-me a grandeza da fraternidade legítima, imperante na vida superior. Não se buscava o rótulo das criaturas, não se cogitava, em sentido particularista, de seus títulos religiosos ou sociais. Procurava-se o coração fiel a Deus, ministrava-se amparo reconfortador, sem qualquer preocupação exclusivista.

O Assistente Jerônimo aproximou-se dela, tocou-lhe a fronte com a destra, e Albina, de semblante iluminado e feliz, ao contacto daquela mão bondosa e acariciante, exclamou para uma das companheiras que a assistiam:

— Eunice, dá-me a Bíblia. Desejo meditar um pouco.

— O' mamãe! — respondeu-lhe a filha — não será melhor descansar? Graças a Jesus, a dispneia cedeu e a senhora parece tão bem disposta!

— A Palavra do Senhor dá contentamento ao espírito, minha filha!

Suplicante ternura acompanhou-lhe a expressão verbal, e de tal modo que Eunice, vencida,



apanhou o volume de sobre vasta cômoda e entregou-lho.

A respeitável anciã assumiu adequada posição para a leitura, recostou-se em travesseiros altos e, tomando os óculos, segurou, firme, o Testamento Divino. O Assistente Jerônimo ajudou-a a abri-lo, em determinado lugar, sem que a interessada lhe percebesse a cooperação. Patenteou-se-lhe o capítulo onze da narrativa de João Evangelista, alusivo à ressurreição de Lázaro.

A simpática velhinha leu-o, pausadamente, em alta voz. Terminando, exclamou comovidamente:

— Agradeço ao nosso Divino Mestre a alentadora leitura que nos mandou. Praza aos céus possamos todas nós encontrar a vida eterna, em Cristo Jesus! Assim seja.

As filhas acompanhavam-na, respeitosas.

Jerônimo recomendou-me aplicar à doente passes de reconforto.

Depois da operação magnética, observei-lhe a insuficiência cardíaca, oriunda de aneurisma em condições ameaçadoras.

Dispunha-se o Assistente a conversar conosco, evidenciando as formosas qualidades da enferma, quando alguém de nosso plano assomou à porta de entrada. Era dedicada amiga que vinha velar à cabeceira. Cumprimentou-nos, bondosa, com encantadora simplicidade.

Jerônimo explicou-lhe nossa missão. A interlocutora sorriu e considerou:

— Reconforta-nos a proteção de que nossa irmã é objeto. No entanto, creio que há forte pedido de prorrogação em favor dela. Todos somos de parecer que deva ser chamada à nossa esfera com urgência, para receber o prêmio a que fez jus. Todavia, há razões ponderosas para que seja amparada convenientemente, a fim de que permaneça com a família consanguínea, na Crosta, por mais alguns meses.

— Teremos prazer em todo serviço fraterno

— acentou Jerônimo, com afabilidade — passaremos por aqui, diariamente, até que a tarefa termine. Do que houver de novo, seremos informados.

A simpática visitante de Albina agradeceu e partimos.

Muito significativa para mim foi a ponderação ouvida, mas, reparando que o Assistente seguia atento ao trabalho que nos cabia desenvolver, abstive-me de qualquer interrogação.

Varávamos, em breve, larga porta de movimentado hospital, defendido por grandes turmas de trabalhadores espirituais. Havia aí tanta atividade por parte dos encarnados, como por parte dos desencarnados. Seguindo, porém, as pegadas de nosso dirigente, não dispensávamos maior atenção aos desconhecidos.

Após atravessarmos corredores e salas, alcançamos grande enfermaria de amparo gratuito. A maioria dos leitos ocupados mostrava o doente e as entidades espirituais que o rodeavam, umas em caráter de assistência defensiva, outras em acirrada perseguição.

Desdobravam-se-nos as mais diversas cenas.

Prevenindo, talvez, mais a mim que aos demais companheiros, o dirigente de nosso grupo recomendou:

— Não dispersem a atenção.

Decorridos alguns segundos, estávamos à frente dum cavaleiro maduro, rosto profusamente enrugado e cabelos brancos, a cuja cabeceira vigiava excelente companheiro espiritual.

Apresentou-nos Jerônimo a esse último. Tratava-se do irmão Bonifácio, que ajudava o doente.

Em seguida, indicou-nos o doente mergulhado em lençóis alvos e esclareceu:

— Aqui temos nosso velho Cavalcante. E' virtuoso católico-romano, espírito abnegado e valeroso nos serviços do bem ao próximo. Veio de nossa colônia, há mais de sessenta anos, e possui grande círculo de amigos pelos seus dotes morais.



Sua existência, cheia de belos sacrifícios, fala ao coração. Aqui se encontra, junto dos filhos da indigência, abandonado da parentela, em virtude de suas ideias de renúncia às riquezas materiais. Mas não se acha desamparado pela Divina Misericórdia.

Findo ligeiro intervalo, adiantou-se Bonifácio, informando:

— A intervenção no duodeno foi marcada para amanhã.

Nosso dirigente, deixando perceber que já conhecia o caso, comunicou:

— Assisti-lo-emos no instante oportuno.

Obedecendo-lhe as recomendações, fiz aplicações magnéticas, detendo-me em particular sobre o aparelho digestivo, da glândula parótida ao reto, observando, além da ulceração duodenal, a inflamação adiantada do apêndice, quase a romper-se.

Notei, todavia, que Cavalcante era absolutamente alheio à nossa influência. Nada percebia de nossa presença ali, verificando que ele, apesar das elevadas qualidades morais que lhe exornavam o caráter, não possuía bastante educação religiosa para o intercâmbio desejável.

Dos quadros que havíamos observado naquele dia, esse era, sem dúvida, o mais triste. Além das vibrações do ambiente perturbado, o operando não oferecia fácil ensejo à nossa atuação.

— Tenho tido dificuldade para mantê-lo tranquilo — dizia Bonifácio, inclinando-se para o Assistente — em vista dos parentes desencarnados que o assediam de modo incessante. Não obstante os trabalhos de vigilância que garantem o estabelecimento, muitos deles conseguem acesso e incomodam-no. O pobrezinho não se preparou, convenientemente, para libertar-se do jugo da carne e sofre muito pelos exageros da sensibilidade. E muito embora o abandono a que foi votado, tem o pensamento afetuosamente em excessiva ligação com aqueles que ama. Semelhante situação dificulta-nos sobremaneira os esforços.

— Sim — concordou Jerônimo — entendemos a luta. A deficiência de educação da fé, ainda mesmo nos caracteres mais admiráveis, origina deploáveis desequilíbrios da alma, em circunstâncias como esta. Conservar-nos-emos, porém, a postos, como retribuição ao devotado amigo pelos obséquios inúmeros que dele recebemos.

Quando nos despedimos, Bonifácio mostrou-se comovido e grato.

Transcorridos escassos minutos, ganhávamos o pórtico de notável, simples e confortável edifício, em que se asilavam numerosas criancinhas, em nome de Jesus. Defrontava-nos louvável instituição espiritista-cristã, onde se sediava compacta legião de trabalhadores de nosso plano.

Bondoso ancião recebeu-nos afavelmente. Reconheci-o, jubiloso. Achava-se, ali, Bezerra de Menezes, o dedicado irmão dos que sofrem.

Abraçou-nos, um a um, com espontânea jovialidade.

Ouviu as explicações de Jerônimo, com interesse, e falou, sorridente:

— Já esperávamos a comissão. Felizmente, porém, nossa querida Adelaide não dará trabalho. O ministério mediúnico, o serviço incessante em benefício dos enfermos, o amparo materno aos órfãos nesta casa de paz, aliados aos profundos desgostos e duras pedradas que constituem abençoado ônus das missões do bem, prepararam-lhe a alma para esta hora...

Ele mesmo tomou-nos a dianteira, conduzindo-nos a compartimento modesto, onde a médium repousava.

Na câmara solitária, não se via nenhum irmão encarnado; contudo, duas jovens cercadas de prateada luz permaneciam ali, acariciando-a.

Acercamo-nos da enferma, respeitosamente. Seus cabelos grisalhos semelhavam-se a formosos fios de neve. Indicando-a, falou Bezerra, contente:

— Adelaide sempre foi leal discípula do Mes-



tre dos Mestres. Apesar das dificuldades, dos espinhos e aflições, perseverou até ao fim.

A digna senhora, após fixar demoradamente delicados ramos de rosas que lhe ornavam o quarto, entrou em oração. De sua mente equilibrada, emanavam raios brilhantes. Não nos enxergou ao seu lado, exceção do devotado Bezerra de Menezes, a quem se unia por sublimes cadeias do coração. Ele saudou-a, afável e bondoso, endereçando-lhe palavras reconfortantes e carinhosas.

— Sei que é o termo da jornada, meu venerável amigo — disse a médium, em tom comovedor — e estou pronta. Desde muitos anos, rogo ao Divino Senhor me revele o caminho. Não desejo adotar outros designios que não pertençam a Ele, nosso Salvador. Todavia...

Não pôde continuar. Emoção profunda estrangulou-lhe a voz e, logo após a reticência dolorida, copioso pranto começou a brotar-lhe dos olhos encovados.

Bezerra acomodou-se junto dela, com intimidade paternal, afagou-lhe com a luminosa destra a fronte abatida e falou otimista:

— Já sei. Você pensa nos parentes, nos amigos, nos órfãos e nos trabalhos que ficarão. O' Adelaide! compreendo seu devotamento materno à obra de amor que lhe consumiu a vida. Entretanto, você está cansada, muito cansada e Jesus, Médico Divino de nossa alma, autorizou o seu repouso. Confie a Ele as penas que lhe oprimem o Espírito afetuoso. Deponha o precioso fardo de suas responsabilidades em outras mãos, esvazie o cálice de sua alma, alijando amarguras e preocupações. Converta saudades em esperanças e desate os elos mais fortes, atendendo a ordem divina.

Adelaide pousou no benfeitor os olhos muito lúcidos, revelando-se confortada e, após breve pausa, Bezerra prosseguiu:

— Sua grande batalha está terminando. Você é feliz, minha amiga, muito feliz, porque seu Espí-

rito virá condecorado de cicatrizes, depois de resistir ao mal durante muitos anos, como sentinela fiel, na fortaleza da fé viva... Ensinou aos que lhe cercaram o caminho todas as lições do bem e da verdade possíveis ao seu esforço... Entregue parentes e afeições a Jesus e medite, agora, na Humanidade, nossa abençoada e grande família. Quanto aos serviços confiados por algum tempo à sua guarda, estão fundamentalmente afetos ao Cristo, que providenciará as modificações que julgue oportunas e necessárias. Baste a você o júbilo do dever bem cumprido. Arregimente, pois, as suas forças e não se entristeça, porque é chegado para seu coração o prélio final... Coragem, muita coragem e fé!

A respeitável irmã sorriu, quase feliz.

Logo em seguida, pequena auxiliar do instituto quebrou o colóquio espiritual, abrindo a porta inesperadamente e anunciando visitas.

Dona Adelaide, em face das circunstâncias, centralizou a mente no círculo dos encarnados e perdeu o benfeitor de vista.

O venerando médico dos infortunados passou a entender-se com Jerônimo, acerca de vários problemas que diziam respeito à nossa missão, enquanto nos retirávamos, discretamente, proporcionando-lhes maior liberdade à permuta de ideias.